O PEQUENO AGRICULTOR, O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DO HOMEM UNIVERSAL E A CONSTITUIÇÃO DE UM NOVO SER SOCIAL

Ari Paulo Jantsch¹.

PALAVRAS-CHAVE: Pequeno agricultor, Homem Universal, individuação, novo ser social.

1. INTRODUÇÃO (PRIMEIROS ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS)

No presente trabalho, de caráter propositivo, partimos do pressuposto filosófico de que o pequeno agricultor, face aos elementos histórico-contextuais, é um ser em construção e, por isso, aberto à **individuação** (Duarte, 1993 e Jantsch, 1997) do **Homem Universal** (Jantsch, 1997) e, no *continuum*, à constituição de um **novo ser social** (Jantsch, 1997). Nesse sentido, o presente trabalho defende a apropriação das **conquistas civilizatórias** pelo pequeno agricultor.

É fato que o pequeno agricultor situa-se numa confluência de transições. Tal confluência, se por um lado desautoriza a redução do real ao mundo especificamente rural por outro, evoca, no sentido ético-político, um modo de vida qualificado que incorpore as mais altas conquistas da civilização, de modo a realizar o conceito homem em sua máxima extensão nos indivíduos que também se ocupam da atividade de produção no espaço designado rural. Estamos, pois, diante de um mundo em construção e que supõe/implica também um Homem em construção. Consideramos que tais construções implicam aquilo que denominamos pré-condições (presentes exemplarmente no Estado amplo e democrático), processo de “individuação” (Duarte, 1993) do Homem Universal e visão ecológica radical, apontando necessariamente para a educação ampliada, democrática e qualificada.

2. DESENVOLVIMENTO (ARTICULANDO AS CATEGORIAS HOMEM UNIVERSAL, INDIVIDUAÇÃO E NOVO SER SOCIAL)

Em primeiro lugar, cabe destacar que essa articulação é imperiosa quando se trata de uma ontologia humana associada à realização ético-política de um conceito de Homem enquanto expressão das mais caras conquistas civilizatórias. Em segundo lugar, a

¹ Professor do Departamento de Estudos Especializados em Educação – EED da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC
Rua Marcus Aurélio Homem, 327 CEP: 88040-440 – Florianópolis apjantsch@terra.com.br.

articulação obedece, também, uma logicidade necessária: as três categorias se necessitam mutuamente, de modo que ambas são fertilizadoras e fertilizadas na teorização que guarda tanto uma lógica interna quanto uma lógica externa. Em terceiro lugar, enfatizamos que o homem em questão (Universal) não é apreensível em sua totalidade pelos construtos positivistas. Nesse sentido, concebemos o Homem Universal como um **ser histórico (dialético)** - se fazendo a partir das condições objetivas já existentes para tal - em uma sociedade mundial em que a educação se constitui em uma das mediações construtoras do homem. A nossa base, pois, é a atual **materialidade histórica**, que definimos ser o conjunto das construções humanas que tem poder de determinação sobre o próprio homem, a partir de e nas suas relações sociais. A individuação é, aqui, nada mais nada menos que a apropriação objetiva e subjetiva dessa materialidade histórica. Face o caráter contraditório tanto da materialidade histórica como da apropriação desta pelos homens na sociedade capitalista, falamos muitas vezes em **conquistas civilizatórias**, designando uma **apropriação emancipatória** e não alienante.

Com o processo de individuação do Homem Universal podemos pensar a possibilidade concreta da transmutação do pequeno agricultor em novo ser social, que articula meio de produção (basicamente a terra e o conhecimento) e trabalho no sentido da **autonomia** (capacidade de reprodução ampliada e qualificada da pequena unidade de produção, implicando uma apropriação emancipatória do meio de produção), ancorado, entre outros, numa educação que garante o **saber real** (que consiste em um conteúdo ampliado e qualificado – incluindo os **conceitos agroecológicos em sua radicalidade** - capaz de contribuir decisivamente para a autonomia, implicando também um quantum qualificado de saber para a inserção qualificada na economia mundializada e a participação cidadã no mundo mundializado). Juntamente a isso podemos pensar a viabilidade e/ou a possibilidade da atividade de produção de alimentos encetada pela categoria social designada pequenos agricultores, participantes do gênero humano, isto é, não restritos a qualquer recorte. Acreditamos que a viabilidade ou alternativa sócio-econômica dessa atividade possibilita (pelo menos em grande parte) a **individuação não alienada** dos indivíduos caracterizados como pequenos agricultores.

Trata-se, a partir disso, de pensar, ético-politicamente, a (necessária) elevação do atual pequeno agricultor à condição de Homem Universal, abdicando das formas e adjetivações educacionais vazias de conteúdo histórico. Mais especificamente, nosso pensamento afirma o pequeno agricultor enquanto Homem Universal, mediado também pela educação científico-tecnológica, o que demanda tanto a superação do arcaísmo do

qual é expressão o ruralismo pedagógico, quanto da exclusão *a priori* (devido à lógica excludente) patrocinada pelo grande capital e justificada pelos seus ideólogos.

Se por um lado o ruralismo pedagógico põe-se como ferramenta teórico-metodológica mutiladora dos homens e mulheres que vivem no espaço rural por outro, não há, a partir de uma **ética e política inclusiva**, razão suficiente para aceitarmos os termos definitórios vindos dos intelectuais comprometidos com o capital. Já é praticamente consenso que termos como mundialização e revolução científico-tecnológica são usados cotidianamente no meio acadêmico e assumidos por muitos intelectuais como significando processos irreversíveis. Nem sempre as “razões” que sustentam a irreversibilidade desses processos têm uma racionalidade que supera a unilateralidade intrínseca ao capital. Assim, na medida em que apreendemos que o movimento do real que designa a atual materialidade histórica não se esgotou, rejeitamos qualquer profetismo sobre o “fim da história” que anuncia o capital sob orientação neoliberal como o ponto de chegada da história. Caso contrário, teríamos que aceitar que o ser do pequeno agricultor, ao invés de estar consubstanciado no Homem Universal, estivesse diluído no capital, excluindo o pequeno agricultor do conteúdo do Homem Universal, bem como de todas as conquistas civilizatórias correspondentes, dentre elas os construtos da agroecologia em sua radicalidade.

A teorização até aqui desenvolvida permite afirmar que a constituição do pequeno agricultor em novo ser social a partir do construto ético-político da emancipação implica uma outra racionalidade educativa que a experimentada até hoje pela grande maioria dos pequenos agricultores e educadores que atuam no espaço rural. Tal racionalidade implica uma razão aberta que desautoriza qualquer positivização do real. Isso não significa a ausência de projetos instituintes da nova realidade histórica. Pelo contrário, implica uma cadeia de mediações que possam instituir tal realidade. Poderíamos nos estender em muito sobre tais mediações. Ficaremos no limite da mediação educativa que, face a centralidade da ciência-tecnologia na atual existência humana, implica a instituição do Estado amplo e democrático - que designamos **Mais Estado** - na medida que este pode, de fato, representar a cadeia de mediações afirmadoras do novo ser social em questão quando se trata da apropriação emancipatória da ciência-tecnologia pelo pequeno agricultor. No sentido contrário estaremos de imediato diante do “fim da história” para o pequeno agricultor brasileiro. Desse modo, a cadeia de mediações afirmadora do pequeno agricultor enquanto novo ser social é altamente interseccionada com a história futura do Estado brasileiro enquanto Mais Estado.

4- CONCLUSÕES (PRÁXIS EDUCATIVA E AFIRMAÇÃO DO NOVO SER SOCIAL)

A partir do exposto, os conceitos, principalmente de **formação omnilateral e cidadania universal** se impõem nos processos educativos propriamente ditos. Eles possibilitam a leitura das pré-condições requerida pela categoria social designada pequeno agricultor, condições expressas, dentre outros, na formação científico-tecnológica que incorpore o conteúdo da atual revolução científico-tecnológica sob os conceitos **politecnia e agroecologia**. Podemos, finalmente, reiterar que a qualificação e complexidade inerentes ao trabalho-educação do pequeno agricultor encontra concretude na formação omnilateral, na cidadania universal, na politecnia e na agroecologia. Afora esses conceitos e condições objetivas correspondentes, o atual pequeno agricultor encontra-se, de fato, ante o “fim da história”. Nesse sentido, reiteramos que o conjunto das mediações afirmadoras do pequeno agricultor enquanto novo ser social é altamente interseccionada com a história futura do Estado brasileiro enquanto **Mais Estado**.

A afirmação do novo ser social implica, em nível de práxis educativa, uma ruptura paradigmática e, portanto, uma nova racionalidade educativa, embasada na **razão negativa** e na **ética e política inclusiva**. Aqui a formação omnilateral, a cidadania universal, a politecnia e a agroecologia constituem uma totalidade educativa que rompe necessariamente com a positivização da realidade e com a redução do homem a qualquer especificidade. Nesse sentido, qualquer projeto educativo que, embora imbuído de boas intenções, busca construir um homem restrito, assume, hoje, uma direção excludente.

Enfim e parodiando Gramsci (1974) – ao se referir aos “cantos de cisne” – podemos afirmar que o olhar histórico do real remete-nos para além das formas educativas que, embora aparentemente decisivas, já estão virtualmente vazias de conteúdo, sem poder de afirmação do Homem Universal. Trata-se, pois, da **individuação do Homem Universal** também nos homens e mulheres que se situam no espaço dito rural. Nesse sentido é possível a existência do pequeno agricultor enquanto um **novo ser social**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Newton. *A Individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas: Autores Associados, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. Lisboa: Estampa, 1974.
- JANTSCH, Ari Paulo. *Pequeno agricultor e racionalidade educativa*. Piracicaba: UNIMEP, 1997 (tese de doutorado em educação).